

O Pensamento Geográfico Medieval e Renascentista no Ciberespaço

Márcia Siqueira de Carvalho¹

Resumo

O presente artigo sistematiza, em boa parte, o programa de pós-doutorado envolvendo o tema *Pensamento Geográfico na Idade Média e no Renascimento*. Sem o recurso do espaço virtual, pois através dele pude obter e-textos importantes e contatos com a comunidade científica geográfica nacional e internacional para a discussão e ampliação dos aspectos deste tema,. Sem ele, muito pouco seria possível. Além disso, uma das formas de divulgação dos resultados da pesquisa está disponível na WEB, já de forma mais definida desde junho de 1999, sob a forma de uma home page. Uma fusão de texto e hipertexto (no qual os endereços estão em nota de fim), este artigo trata da Cartografia na Idade Média com os respectivos endereços na WEB como recursos complementares.

Palavras Chaves: Geografia. Epistemologia da Geografia. Cartografia. Idade Média. Mapas.

Os Mapas como representação da concepção da *Imago Mundi*

Entre os séculos II e o VI da era cristã, a representação do mapa-múndi desapareceu de cena, retornando numa forma muito diferente e redefinido de acordo com o Cristianismo. Pelo fato da Bíblia ter sido considerada o padrão para a reinterpretação da História e do Mundo, os mapa-múndi obedeceram à descrição do Gênesis da divisão do mundo entre os três filhos de Noé, daí três continentes. A imagem do mundo tripartido foi a base para a representação mais comum na Idade Média: os três continentes no padrão T-O² ou as cinco zonas “climáticas” da época Clássica. A raridade destas imagens podem ser vistas na WEB³. Os mapas “padrões” – os de Orosius, de Isidoro e de Beatus – foram produzidos na atual Espanha – onde a fé cristã e a lei visigoda perpetuaram a sub-cultura romana. Há quem arrisque uma influência do modelo cartográfico circular romano ao mapa-múndi de Isidoro.

Os mapas num segundo período medieval (século VIII–XIII) mantiveram o seu contexto não-geográfico e foram mais instrumentos de ilustração das enciclopédias recheadas de elementos maravilhosos tomados de empréstimo de Plínio, Solinus e Mela.

Não existe evidência de que o pensamento medieval acreditasse numa terra plana,⁴ pois não havia qualquer interesse acerca do formato da Terra, e além disso, as representações não devem ser confundidas com as idéias a este respeito. A forma da Terra não era considerado um problema intelectual, e sim um mistério religioso, cujo exemplo de representação é o Mapa do Salmo (1225-1250 ?)⁵. A mentalidade religiosa trouxe para si a representação do mundo ecumênico como espaço da cristandade mas como meras ilustrações de obras escritas.

Foi a partir do século XIII que o mapa deixou de ser apenas um complemento ao texto escrito e ganhou uma liberdade para conter idéias, imagens, criaturas maravilhosas, cenas da Bíblia, povos distantes, animais e plantas, todos sob o poder de Deus, como no mapa de Hereford⁶, porém com um objetivo didático e evangelizador, daí alguns deles serem grandes painéis expostos aos fiéis. Não havia ainda o interesse da pesquisa empírica e da incorporação destes elementos nos mapas. Naquela época, se há algo que poderíamos chamar de geográfico em relação ao espaço, foi o modelo de obra literária sobre a Imagem do Mundo (*Imago Mundi*). Seu caráter era muito subjetivo e regado pela concepção religiosa. Os seus mapas eram produzidos pelos eclesiásticos dedicados à reprodução de obras que davam importância às sedes religiosas como Roma, Jerusalém, Egito e a lugares descritos na Bíblia, por exemplo, o Éden ou Paraíso Terrestre.

Se os mapas são uma fiel representação do que se pensava e da imagem que se tinha do mundo a cada época, os mapas medievais são de uma fidelidade extrema. Mesmo não sendo totalmente geográficos, eles são obras de arte:

“Deixe que alguém compare o Mapa de Hereford com o Romance de Alexandre e ele não deixará de ver a semelhança aproximada no espírito e mesmo nas características entre os dois documentos. Em resumo, um *mappamundi* medieval, para ser devidamente apreciado, deveria, num grau considerável, ser visto como um romance ilustrado.”⁷

Porém, a tarefa de guardar e reproduzir referências da Antigüidade Clássica pelo Ocidente cristão e pelos árabes medievais está representada nos mapas de alguma forma. Apesar de nenhum mapa-múndi anterior ao século VI a.C. ter sobrevivido, uma ou outra concepção sobre a forma da Terra e a extensão da área habitável (oikoumene - ecúmeno) daquela época remota está presente nos mapa-múndi medievais. Em vários deles estão presentes as teorias dos antigos gregos (Homero e Anaximandro) por mostrarem a forma da terra como uma superfície plana sem projeções, na forma

de um disco, cercado por todos os lados pelo “rio Oceano”, uma concepção corrente antes da época de Plínio (Mapa de Maurino Sanuto⁸). Se recuarmos ainda mais, esta concepção está na *Iliada* de Homero, sob a forma do Escudo de Aquiles. Embora seja muito mais um mapa cosmográfico que reúne elementos do mundo natural e humano, a sua influência adequou-se aos relatos dos Périplos. A influência clássica está ainda mais clara na utilização de criaturas da mitologia grega e romana popularizada por Hesíodo, Homero, Plínio e outros: os *Sciapodae* (homens de pés enormes), os *Monoculi* (os homens de um olho só) e os *Cynocephale* (homens com cabeça de cachorro), como no Mapa de Walsperger⁹.

A grande ausência é a influência do mapa-múndi Ptolomaico no Ocidente cristão medieval, reintroduzida através de um exemplar produzido por um árabe, Al Idrisi (c. 1154), como cartógrafo na corte da Sicília. Um outro mapa-múndi ptolomaico conhecido, datado século XII ou XIII, é de autor desconhecido. Os exemplares atualizados mais famosos deste tipo de mapa são: Martellus¹⁰ (1489 – 1490) e o de Girolamo Ruscelli (1561).

Um outro tipo de mapa produzido no período medieval, originalmente desligado do aspecto religioso, foram as cartas portulanos, uma contrapartida gráfica “moderna” dos antigos périplos, aqueles itinerários escritos pelos marinheiros da época clássica e elaborados a partir das observações feitas ao longo das costas navegadas. Não eram as cartas ptolomaicas, pois não tinham um sistema de coordenadas latitudinais e longitudinais, mas sim uma rede de loxodromas (linhas de rumo) como uma rosa-dos-ventos. Muito práticas, elas eram usadas como cartas de navegação e eram melhoradas através das informações obtidas dos diários de bordo e da determinação de distâncias e posições através da leitura da bússola. As mais antigas cartas portulanos existentes são de origem italiana, feitas em Gênova e Pisa. Mas as mais belas foram produzidas em Maiorca, ilha da Catalunha (região da atual Espanha). Novamente, é na Espanha que a cartografia deu novos frutos, sendo o mais famoso o Atlas Catalão (1375) por já delinear uma Ásia que o Ocidente viu ressurgir naquela época através da reativação do comércio, mas mantendo a característica de representar reinos reais ou imaginários.

O descobrimento de novas terras trouxe uma nova imagem do mundo e novas formas de representá-lo, e muitas vezes esta imagem foi criada como uma utopia. Pouco a pouco, mas não de uma vez por todas, os monstros e os povos estranhos deixaram de povoar os mapas, mas não sem antes serem transferidos de um continente para outro.

Atualmente os mapas ainda exercem uma atração sobre as pessoas: o ícone dos navegadores (browsers), nas propagandas, até nos chocolates.

Os Mapas na Idade Média e no Renascimento

O Mapa do Salmo (c. 1250) é uma peça importante na transição dos mapas T-O às iluminuras das enciclopédias medievais do século XIII. De tamanho pequeno, ele faz parte do *Livro dos Salmos* e traz os elementos básicos do *mappaemundi* medieval, a saber:

1. Jerusalém como centro do mundo (o "umbigo do mundo");
2. O mundo dividido em três partes: a Europa, a Ásia e a África;
3. As cidades dos povos de Gog e Magog (O Apocalipse);
4. O Paraíso Terrestre localizado na Ásia, de onde nasceriam os rios mais importantes do mundo;
5. As raças de monstros habitantes na África (Bestiários);
6. O Oriente (Oeste) está no topo do mapa.

Outro elemento fundamental neste mapa, cuja data recua até a Antigüidade, é o entorno d'água, o "rio Oceano". Um pequeno detalhe, mas não menos importante, é o pequeno globo T-O que Cristo segura. A comparação é inevitável: a simplicidade do globo T-O com a riqueza de detalhes do mapa do Salmo. Exatamente por este detalhe, além do consenso entre os historiadores da Cartografia, é que não devemos aceitar como dominante a idéia de uma terra plana enquanto formato.

Um outro mapa não menos importante, o de Hereford (c.1300), reúne dois elementos aparentemente incompatíveis num *mappaemundi* medieval: um mapa de referências detalhadas da Europa medieval e uma carta de enciclopédia. Nele a história e a teologia estão projetadas na imagem física do globo. Numa breve descrição, nele coexistem acontecimentos do passado e previsões bíblicas: a Queda, a Crucificação e o Apocalipse. Todos estão localizados num mundo "real", entre as cidades de Paris e de Londres, e países como a Espanha e o Egito. Em seu redor estão representadas as forças demoníacas. Acima (Oriente) Deus parece proteger o mundo, ladeado de anjos. No Mar Mediterrâneo, talvez uma referência à Odisséia, encontramos uma sereia. A África e a Ásia praticamente estão num só corpo contínuo, interrompido pelo Mar Vermelho (literalmente, ou seja, pintado de cor vermelha), uma característica da Antigüidade refutada apenas por um ou outro périplo.

Harvey¹¹ acha que a base deste mapa pode ter sido o mapa do império romano na época de Júlio César (ano 44), tarefa que foi feita por Nicodemus e Dydimus durante 32 anos. Ao vermos este mapa poderíamos pensar que os eruditos do século XIII acreditavam que a terra tinha o formato de um disco plano. Mas não era nada disso: a terra era considerada como uma esfera, com a sua parte desconhecida e inabitada ao norte e separada da sua outra metade sul por um cinturão oceânico e pelo insuportável calor do trópicos.¹² Há quem acredite no contrário, como W. G. L. Randles (1994).

O mapa-múndi de Hidgen¹³ (século XIV) ilustrava a obra de Ranulf Hidgen (monge de Chester), escrita no século XIV sobre a história universal - *Polycronicon* (7 volumes). Muito popular, teve várias versões entre 1330 e 1360. O mapa fazia parte do primeiro volume que tratava de história natural e de geografia. Nele vemos o desenho das "Colunas de Hércules", entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico (antigo nome para o Estreito de Gibraltar) e destaca-se a ilha da Inglaterra em vermelho, o que somente era feito na Idade Média para o Mar Vermelho. Gales erroneamente era representada como uma ilha e o rio Nilo não aparece disposto de sul a norte na África, mas somente de acordo com as especulações de um Nilo que corria paralelo às costas do Norte da África. Não se sabe por qual razão o local do Paraíso no Oriente não estar ilustrado, aparecendo apenas a fonte criadora dos três rios mais importantes do mundo, conforme a Bíblia. Ele repete o padrão do limite marítimo do mundo conhecido.

A região catalã (o triângulo Barcelona-Valência-Maiorca), na atual Espanha, tornou-se um importante centro comercial e cultural onde elementos árabes e judaicos estavam em contato com a cultura cristã, origem das cartas catalãs, dos portulanos e do famoso Atlas Catalão. O que há de interessante e intrigante no Atlas Catalão¹⁴ c. 1450 (Anônimo) é o fato do Paraíso Terrestre ter sido deslocado da Ásia para a África, abaixo do Mar Vermelho, na Abissínia. Mais do que as cartas marítimas, este Atlas apresenta não só novidades como o Cabo Verde na Costa africana, descoberto pelos portugueses em 1444, mas elementos da narrativa de Marco Polo sobre a Ásia de duzentos anos antes. O estranho é o formato da África, onde o golfo da Guiné (Oceano Atlântico) é separado do Oceano Índico por um rio. No interior deste continente não há cidades registradas, mas surpreendentemente estão presentes sultãos islâmicos e pela primeira vez um mapa cristão representa a presença islâmica na região mediterrânea. No Oceano Índico podemos observar barcos e sereias.

Já os portulanos, também chamados de cartas marítimas (ou de marear) foram uma forma específica da representação cartográfica que utilizava as loxodromas e sucederam os mapas mais

simples no registro dos litorais. Eles poderiam ser considerados uma espécie de "pais" das atuais cartas marítimas. A Escola de Maiorca foi um importante centro de produção destes mapas e as suas informações baseavam-se no relato dos marinheiros e navegadores, sendo úteis aos comandantes e pilotos, além dos comerciantes marítimos. Eles não tinham informações sobre o interior das terras, pois este não era o seu propósito, apresentando alguns rios maiores, como o Nilo, e bandeiras para indicar os reinos e países.

A Cartografia árabe, porém, se desenvolvia num rumo diferente. No final do século IX os geógrafos árabes haviam traduzido a obra *Geografia* de Ptolomeu e a partir dela produziram mapas coerentes e mais completos. Um deles foi Al-Idrisi, membro da família real, nascido em 1100 e viajante pela Europa e Norte da África. Em 1140 foi contratado pelo rei normando da Sicília - Rogério II - e quinze anos mais tarde produziu a obra conhecida como o *Livro de Rogério*, composto de 70 mapas, formando o conjunto do mais detalhado mapa-múndi da época. Estes mapas mostram o mundo e neles observamos a influência de Ptolomeu quanto às fontes do rio Nilo (uma delas nascendo na parte oriental da África e a outra nas "Montanhas da Lua" e os seus lagos), mas diferente daquele, Idrisi não ligou a África à Ásia, mantendo aberto o Oceano Índico¹⁵.

Diferente dos "mapas cristãos" não há cidades, castelos, animais, legendas, monstros ou santos. Ele não apresenta uma dimensão religiosa, enciclopédica ou simbólica, sendo o mais possível "geográfico" e secular. Este mapa foi copiado por cartógrafos árabes até o século XVII, quando foi substituído por modelos ocidentais. Uma curiosidade: os cartógrafos árabes padronizaram o Norte no topo e o Sul na parte de baixo, mas hoje encontramos o mapa de Idrisi "virado" de modo no padrão moderno.

Outra encomenda de soberanos deu origem ao mapa de Fra Mauro¹⁶, cujo estilo pertence à escola dos *mappaemundi* medievais porém ele tem uma história surpreendente. Ele foi uma encomenda feita pelo rei Afonso V de Portugal, e dele recebeu informações atualíssimas das cartas marítimas portuguesas (sobre a costa do Senegal e as Ilhas de Cabo Verde). Tinha como ajudante um cartógrafo de cartas marítimas - Andrea Bianco. Dada a sua precisão, este mapa formou uma aura de mistério em torno de si, pois depois de pronto em 1459 foi enviado para Portugal mas este original não foi encontrado. Fra Mauro morreu no ano seguinte, quando trabalhava numa cópia para o Senhor de Veneza, e Bianco ou outro cartógrafo terminou-a, sendo descoberta no mosteiro de Murano e enviada para o Palácio Ducal de Veneza. Uma outra singularidade deste mapa está na sua orientação colocando o sul no topo do mapa, um padrão dos mapas islâmicos (Mapa de Al-Idrisi). Fra Mauro rompeu com o conteúdo dos *mappaemundi* medievais retirando dele as imagens

religiosas e da mitologia pagã. Não vemos *Sciapodae* (homens de pés enormes), os *Monoculi* (os homens de um olho só) e os *Cynocephale* (homens com cabeça de cachorro) e Jerusalém não é o centro do mapa. O Paraíso Terrestre está fora do mapa, no canto inferior esquerdo. As legendas explicam os povos e as terras, e a sua fonte para a Ásia foi Marco Polo.

Ptolomeu e o seu modelo de mapa ficaram adormecidos na Europa Ocidental, e o seu despertar começa com a compra de um manuscrito pelo monge bizantino Máximos Planudes (1260-1310) que explicava como construí-los pelas coordenadas geográficas das cidades, porém sem os mapas. Outros bizantinos fazem esta redescoberta que somente no século XV chegaria à Europa Ocidental. Ptolomeu sobreviveu graças aos islâmicos e aos bizantinos.

Entre 1480 e 1510 o panorama da cartografia mudou bastante e um exemplo é o mapa de Henricus Martellus, responsável por várias edições da obra *Geografia* de Ptolomeu. Esta época foi a da "redescoberta" de Ptolomeu embora o seu modelo de mapa baseado nas coordenadas de latitude e de longitude não fosse observado fielmente por Martellus (não há a "rede" de meridianos e paralelos). As novidades são as costas do Mediterrâneo e da Europa Ocidental registrarem as informações das cartas marítimas, mas as informações sobre a Ásia ainda se baseiam em Marco Polo. Também não aparecem pigmeus, sereias, gigantes, homens com cabeça de cachorro ou os canibais. Este mapa é o último testemunho de um mapa-múndi que mostra apenas o hemisfério oriental, o Velho Mundo, quase na aurora dos descobrimentos Atlânticos.

O Mapa de Cantino (1502) é um dos raros que sobreviveram aos mapas portugueses que documentaram a expansão marítima deste povo. Ele é uma cópia de um outro mapa (um original real) que naquela época eram documentos secretos que o rei de Portugal tentava manter monopolizados condenando à morte todos os marinheiros e navegadores que divulgassem informações sobre os lugares "achados" ou descobertos. Outra garantia do segredo: todos os diários e anotações de bordo eram documentos confiscados pelo rei na chegada aos portos lusitanos.

"É impossível ter uma carta da viagem", escreveu um italiano em relação à expedição de Cabral "porque o rei havia decretado a pena de morte para qualquer um que mandasse uma delas ao estrangeiro"¹⁷

Não é coincidência o fato dos mapas produzidos por Portugal neste período das descobertas oceânicas africanas e asiáticas não terem sobrevivido. A política de sigilo e a suspeita de destruição, deliberada ou inesperada, durante o terremoto de Lisboa são hipóteses que devemos considerar. Por este motivo o Mapa de Cantino¹⁸ é um documento importante pois sobreviveu para mostrar como o

Novo Mundo entrou na Cartografia. Apesar de ter este nome, não foi ele o seu cartógrafo (desconhecido), mas um agente do Duque de Ferrara que o contrabandeou de Lisboa em 1502. Todo este ambiente misterioso era o resultado da questão política sobre a posse das terras recém-descobertas, cuja arbitragem papal em 1494 foi publicada no documento do Tratado de Tordesilhas, um acordo entre os reis da Espanha e de Portugal e o Papa a respeito do espaço mundial. Esta linha que distava 960 milhas náuticas das Ilhas de Cabo Verde aparece no mapa de Cantino, assim como as bandeiras e os "padrões", marcos de pedra instalados pelos navegadores portugueses. A costa brasileira é representada em verde, com florestas e papagaios, sem a presença de seus habitantes - os índios.

Novamente a Cartografia passa por uma mudança através dos mapas de Waldseemüller¹⁹, que literalmente liberta o mapa das cópias feitas por um cartógrafo e dos detalhes de uma obra de arte. Com o tamanho de 2,5 metros de largura, ele era composto por 12 blocos de madeira e acompanhava a edição de um tratado geográfico - *Cosmographiae Introductio* de 1507. Outro passo à liberdade é que ele foi o primeiro mapa que se estende até 360° de longitude, apesar de representar a distância norte-sul em apenas 130°. É por sua causa que o nosso continente foi batizado com o nome de América. Seu autor havia lido os relatos de Américo Vespúcio publicados em 1503 (a carta *Mundus Novus*²⁰) e como Colombo não aceitava a idéia de ter encontrado outras terras que não fossem as "Índias" (veja o seu *Testamento*²¹), Vespúcio foi novamente homenageado estando ao lado de Ptolomeu no topo deste mapa. O Oceano Pacífico já aparece, embora somente quinze anos depois Magalhães o descobriria, e por isto não há comunicação entre o Pacífico e o Atlântico.

Whitfield (1999), ao analisar este período da Cartografia, nos alerta de como a representação da esfera na questão da representação dos mapas foi um problema teórico para os eruditos cristãos na Idade Média. Se havia defensores de um mundo no formato de um baú, como Cosmas Indicopleustes, por outro lado havia Roger Bacon (*Opera Major* c. 1270) que o percebia.

O Mapa Dürer-Stabius (1515) restabelece de uma vez por todas a imagem de um mapa com meridianos e paralelos, numa representação cartográfica de hemisférios que nos lembra a imagem moderna do planeta Terra no espaço. Ela é quase perfeita ao compararmos os "anjos" assopradores que representam os principais ventos com a circulação atmosférica. Dürer foi um dos maiores pintores e desenhistas do Renascimento a ponto de não podermos escolher entre os seus trabalhos apenas um que receba o título de obra-prima. Também foi o autor, junto com Stabius, das cartas

celestes dos hemisférios norte e sul. Ele não foi o único grande artista renascentista que se dedicou a desenhar um mapa, e teve a companhia de Leonardo Da Vinci.

O mapa cordiforme de Apiano²² (1503) traz quase uma brincadeira ao fazer do coração um símbolo numa projeção cartográfica – a cordiforme. Apesar de não ser uma representação hemisférica como o de Dürer-Stabius, os paralelos e meridianos vão até 360°. Este mapa é uma metáfora deliberadamente intelectual (da emoção?) de uma época em que o símbolo predomina diante do explícito, mas ele não é um desenho qualquer, sendo um produto do estudo do mapa de Waldseemüller (1507). Este, fiel ao modelo de Ptolomeu, faz-lhe uma homenagem ao colocar sua imagem no topo do mapa, à esquerda, ao lado de Américo Vespúcio (no topo do mapa, à direita). Podemos interpretar estas novidades como alegoria de que um novo mundo (América) e uma nova visão (Vespúcio) deveriam ter uma nova projeção cartográfica. A *grosso modo* podemos ver algumas semelhanças com mapas cordiformes modernos e corretos, onde aparecem a América do Norte inteira, assim como a América do Sul.

Ao contrário do que se pode pensar, no Renascimento não houve o predomínio da razão materialista, como uma espécie de precursor do Iluminismo na concepção geográfica do mundo. A retomada da Antigüidade clássica foi feita pelo Cristianismo e a cosmovisão fechada num mundo de três continentes rompeu-se e uma nova estava sendo construída. A observação, a experimentação e a dedução ainda são coisas do futuro. É neste sentido que devemos compreender o mapa de Saliba (1582). Embora o Purgatório fosse "oficialmente" reconhecido pela Igreja no século XIII e a literatura de Dante já o tivesse descrito e representado, faltava-lhe uma representação dentro do mundo, em termos cartográficos. Este mapa é uma carta cosmológica (e não geográfica) que tenta dar respostas às questões que a revolução Copernicana não havia dado:

- Qual era o espaço no qual a Terra existia e o que havia além dele ?
- O que eram as nuvens, os ventos, o arco-íris e os relâmpagos ?
- Que eram as estrelas, a Lua e o Sol e como eles se moviam ?

O modelo cósmico de círculos concêntricos é uma herança de Aristóteles e de Ptolomeu (*Almagesto*). Este último compreendia nove esferas em torno da Terra: os cinco planetas, o Sol, a Lua, as estrelas e o *primum mobile* (o movimento inicial). Se analisarmos a estrutura cósmica²³ da *Divina Comédia* de Dante, de três séculos antes, veremos a sua representação na carta de Antônio Saliba. No interior da Terra estão, da superfície para o interior, nesta ordem, o Julgamento Final, a

separação dos culpados e dos inocentes, o Purgatório, e o Inferno. Estamos deliberadamente excluindo desta análise o período áureo da cartografia flamenga.

A Influência Mútua entre Mapas e Literatura

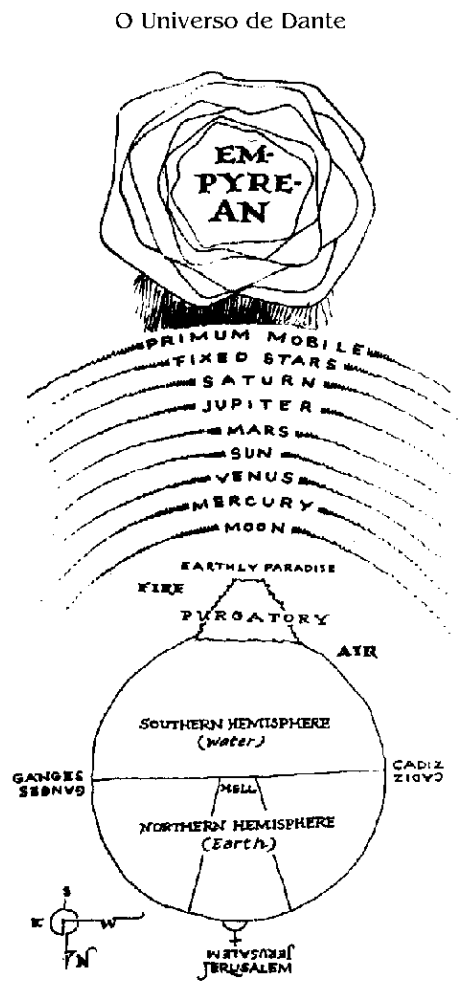
Existe uma ligação intensa entre os mapas e a Literatura, embora se pense que um mapa mais "real" tenha de negá-la. Quando os gregos antigos especulavam sobre a forma do mundo quem os auxiliou foi a literatura, através dos épicos *Eneida* e *Cosmogonia*. Um bom exemplo é o Escudo de Aquiles, que mesmo não sendo uma representação geográfica, serviu de base e modelo para responder como eram os limites do mundo - o "rio" Oceano que cercava o mundo conhecido (oikoumene). Outro tipo de gênero literário - o périplo, também forneceu informações que foram cartografadas. Na Roma clássica, o gênero literário dos "contos de viagens e de coisas maravilhosas" ou os "bestiários" subsidiavam a discussão geográfica, quando não eram incorporados aos seus compêndios. Pode-se notar a influência deste gênero nos mapas medievais pela presença de monstros, animais e povos estranhos. O gênero "enciclopédia", ilustrado por Plínio, o Velho, teve seguidores importantes na Idade Média, como Isidoro de Sevilha, que incluíam as representações do mundo. A Bíblia foi um livro chave, em especial o Gênesis e o Apocalipse, para as representações do mundo medieval que chegavam a misturar de maneira ecumênica lendas cristãs e pagãs nos *mappaemundi*.

Mas se a vida imita, ou se baseia, na arte para construir modelos de explicação da realidade ou concepções religiosas, a arte lhe respondeu ao propor modelos sócio-espaciais ideais: escritores humanistas brilhantes elaboraram uma representação do cosmos ou do mundo, ou mesmo de lugares inexistentes. Destacamos as de Dante (*Divina Comédia*), Tomas Morus (*Utopia*) e o mais moderno Jonathan Swift (*As Viagens de Gulliver* - desenho c. 1910²⁴). Para este último, o mundo de Liliput era redondo e plano, como um disco ou o escudo de Aquiles.

A cartografia do universo da *Divina Comédia* (ver Figura 1) é uma cosmovisão rica e cheia de significados e influências. Como um mapa árabe, o sul está no topo, mas Jerusalém está na extremidade embaixo, como que encerrando o mundo. A divisão entre terras e águas está bem estabelecida: o hemisfério norte concentra as terras onde estão os continentes: Europa, Ásia e África. Das águas do hemisfério sul emerge somente a ilha do Purgatório encimada pelo Paraíso Terrestre. O Inferno está na parte mais profunda da Terra (núcleo) e ligado à superfície na cidade de Jerusalém por um eixo vertical. Isto obedece a concepção aristotélico-ptolomaica de uma terra esférica, mas a presença da ilha-montanha transforma-a quase no formato de uma pêra). A Terra

está imóvel no centro do Universo, envolvida pelas órbitas da Lua, dos planetas, das estrelas fixas, do *primum mobile* e o Empíreo (Céu). Cada círculo infernal representa o local de determinados "pecados", e quanto mais interior, maior a sua gravidade. Dante se utilizou com alguma liberdade

Figura 1. O Universo de Dante.



Fonte: Alighieri, Dante. *Inferno*.
New York: Bantan Books. 1982.

do esquema aristotélico, incluindo situações morais cristãs, além de elementos da *Bíblia*, da *Eneida* (Virgílio 70 a.C. ? - 19 a.C.) e da *Metamorfosis* (Ovídio 40 a.C. - 18 d.C.).

Em resumo, se fizéssemos um perfil do hemisfério sul verificamos que a parte mais superficial em direção ao interior, chamada de Ante Purgatório, é o local dos arrependidos. A subida até o topo da montanha é o caminho para o Paraíso Terrestre (que não estava no local tradicionalmente aceito na época - na extremidade do Oeste ou Oriente). A ligação entre o Purgatório e o Inferno é feita por um eixo vertical interno à Terra. Dante criou uma Terra em que detalhou os lugares para cada homem, vivo ou morto, e nesta última situação, de acordo com os seus pecados. Juntou ao poema uma representação rica do mundo real e do além, mas infelizmente seus méritos são reconhecidos enquanto produtor genial de forma literária e não enquanto de uma cartografia especial, rara exceção representada por Kimble (1938).

Conclusão

Os mapas foram símbolos complexos que representaram visões muito bem definidas. Resultantes mais dos exercícios de teologia e literatura do que de geografia, diferentes tipos de mapa-múndi coexistiram durante vários séculos. Antes de menosprezar os mapas medievais, devemos não só recordar de que naquela sociedade tudo estava voltado para o objetivo religioso mas que a estrutura dos mapas era controlada pelas autoridades do passado (Padres da Igreja) e elaborada pela elite letrada religiosa. Assim podemos relativizá-los se os comparamos com os mapas árabes da mesma época (Idrisi), que também tinha uma interpretação religiosa e se refletia nestas e noutras representações. Porém as dificuldades de acesso às imagens e representações destas visões de mundo cartografadas puderam ser dribladas através dos recursos do espaço virtual da WEB. A consulta às imagens através do monitor de vídeo foi mais democrática e rápida do que o deslocamento e os pedidos de consulta aos manuscritos tão raros em bibliotecas de vários países, caso as consultas fossem permitidas. Mais do que isso, a forma de transmissão da pesquisa assume outras formas além do texto impresso. E mesmo nesta forma criada no século XVI, com a imprensa democratizando o acesso às informações, o autor tem a possibilidade de levar ao seu leitor os endereços onde estão as imagens referidas, além da tradicional bibliografia impressa em papel. Superam-se também as dificuldades de impressão de textos com imagens coloridas, fator encarecedor das edições. Esta nova dimensão de tempo e de relações com o espaço geográfico que a

Web possibilita e cria abre uma nova dimensão para trabalhos deste tipo, uma busca na direção da Geografia Pré-moderna, porém com uma tecnologia pós-moderna. Podem ser indicados muitos endereços nesta grande rede, que pode ser comparada aos oceanos desconhecidos onde existem muitas ilhas a serem descobertas. Somos, enfim, neo-navegadores que não navegam em mares reais, mas nos fluxos da WEB buscando uma geografia do passado. Se não for dialético, não deixa de ser surpreendente.

Bibliografia:

Alighieri, Dante **O Inferno**. Tradução de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro. S/d.

Alchemy & Mysticism : 30 Postcards . Köln: Taschen, 1996.

Carvalho, M. S. Geografia e Imaginário na Idade Média. **RAE'GA**. Curitiba: Ano 1. Vol. 1. Nº.1. p.45-60.

.----- . Exposição de Mapas: <http://www.geo.uel.br/marcia/mapashtml.html> [On Line].

Colombo, Cristóvão. **Diários da Descoberta da América**: as quatro viagens. 5ª edição. Porto Alegre: L&PM. 1991.

Harvey, P. D. A. **Mappa Mundi**: the Hereford World Map. London: British Library, 1996.

Kimble, G. H. T. **Geography in the Middle Ages**. London: Methuen and Co. LTD. 1938.

.----- . **Geografia na Idade Média**. Londrina: UEL, 1999.

Randles W. G. L. **Da Terra Plana ao Globo Terrestre**. Campinas: Papirus, 1994.

Swift, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. 11ª ed. Adaptação em português Cláudia Lopes. São Paulo: Scipione. 1996. p. 80.

Whitfield, Peter. **The Image of the World**: 20 Centuries of World Maps. San Francisco: Pomegranate Artbooks. 1994.

.----- . **New Found Lands**: Maps in the Hirtory of Exploration. New York: Routledge. 1998.

.----- . **The Topography of the Sky**. em: http://www.mercatormag.com/205_toposky.html [On Line]

¹ Professora Doutora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. marcar@sercomtel.com.br.

² Os Mapas T-O são aqueles em que figuram apenas as três parcelas do chamado “velho continente”: Europa, Ásia e África. As terras estão divididas pelo Mares Mediterrâneo, Vermelho e pelo rio Tanais (atual Don). Na parte de cima localizava-se o Paraíso Terrestre (Ásia).

³ Ver em <http://www.iag.net/~jsiebold/carto.html>. Este endereço tem grandes repartições, a saber: mapas da Antiguidade, Mapas Medievais (separados por época) e Mapas Renascentistas. As imagens são comentadas por textos baseados em bibliografia atual e merecedora de todo o crédito.

⁴ Há quem afirme o contrário, como Randles W. G. L, Da Terra Plana ao Globo Terrestre. Campinas: Papirus, 1994.

⁵ Ver em <http://portico.bl.uk/exhibitions/maps/psalter.html>

⁶ A imagem deste mapa pode ser visto em <http://www.henry-davis.com/MAPS/EMwebpages/223.html>

⁷ W. L. Bevan e H. W. Phillot. Mediaeval Geography. *Essay in Illustration of the Hereford mappaemundi*, cap. XXII. Apud. Kimble (1938 e 1999).

⁸ Este mapa pode ser visto em <http://www.henry-davis.com/MAPS/LMwebpages/228F.html>

⁹ O mapa de Walsperger pode ser visto em <http://www.henry-davis.com/MAPS/LMwebpages/245.html>

¹⁰ O mapa de Martellus pode ser visualizado em <http://www.henry-davis.com/MAPS/LMwebpages/256.html>

¹¹ Harvey, P. D. A. Mappa Mundi: The Hereford World Map. London: British Library, 1996.

¹² Idem, p. 21.

¹³ Para ver o mapa de Higden visite o sites <http://www.henry-davis.com/MAPS/LMwebpages/232.html> e <http://www.henry-davis.com/MAPS/LMwebpages/232A.html>

¹⁴ Discute-se a autoria deste Atlas. Já foi atribuído a Abraão Cresques, mas não há certeza de sua autoria. Ele pode ser visto em detalhes em <http://www.bnf.fr/enluminures/manuscrits/aman6.htm>

¹⁵ Ver o mapa principal de Idrisi em <http://www.henry-davis.com/MAPS/EMwebpages/219.html>

¹⁶ Pode-se ver o mapa de Fra Mauro em <http://www.henry-davis.com/MAPS/LMwebpages/249.html>

¹⁷ L. P. Silva. História da Colonização Portuguesa do Brasil, Vol. II, p. 27. Apud Kimble.

¹⁸ O mapa de Cantino pode ser visualizado em <http://www.henry-davis.com/MAPS/Ren/Ren1/306.html>

¹⁹ produzidos por Portugal neste período das descobertas oceânicas africanas e asiáticas

²⁰ Não entraremos aqui na discussão sobre o fato da carta ser apócrifa ou não. O destaque fica para o "batismo" da América e pelo seu autor.

²¹ Ver Colombo, Cristóvão. Diários da Descoberta da América: as quatro viagens. 5ª edição. Porto Alegre: L&PM. 1991. pp. 161-174.

²² No site <http://www.henry-davis.com/MAPS/Ren/Ren1/331.html> há uma imagem do mapa de Apiano.

²³ Ver em Dante Alighieri, O Inferno. Tradução de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro. S/d. p. 24.

²⁴ Esta imagem pode ser encontrada em *Alchemy & Mysticism : 30 Postcards* . Köln: Taschen, 1996. Ela também é representada em Swift, Jonathan. Viagens de Gulliver. 11^a ed. Adaptação em português Cláudia Lopes. São Paulo: Scipione. 1996. p. 80.